

TRADUÇÃO LATINA DO LIVRO DE ISAAC (CÓD. PLUT.89 SUP.96 DA M.B.L): ASPECTOS HISTÓRICOS

Vanessa Oliveira Silva Gama (UFMG)
vosgama@gmail.com

RESUMO

Propõem-se, com este trabalho, apresentar alguns aspectos históricos da obra *Isaac Syri Sermones*, tratado ascético, escrito originalmente em siríaco por Isaac de Nínive em fins do século VII. Este texto teve grande circulação na Idade Média, devido à sua importância como texto fundamental para a orientação dos monges, sendo traduzido para várias línguas, entre elas o latim. Dos 105 testemunhos manuscritos latinos dessa obra, selecionamos o documento referente ao cód. plut.89 sup.96 da Biblioteca Medicea Laurenziana em Florença, datado do século XIII. A edição do manuscrito, acompanhada de glossário, faz parte da pesquisa de doutorado em curso no POSLIN da Faculdade de Letras da UFMG. A realização deste trabalho se apoia nos preceitos da crítica textual, paleografia latina, codicologia, língua latina, lexicologia e demais trabalhos publicados sobre a obra de Isaac. Desse modo, pretendemos, com este trabalho, sobretudo, contribuir para os estudos da Crítica Textual, ao ampliar o conhecimento ligado às normas de transcrição e edição de manuscritos medievais.

Palavras-chave:

História. Crítica Textual. Isaac de Nínive.

ABSTRACT

It is proposed, with this work, to present some historical aspects of the work *Isaac Syri Sermones*, ascetic treatise, originally written in syriac by Isaac de Nínive at the end of the 7th century. This text was widely circulated in the Middle Ages, due to its importance as a fundamental text for the guidance of monks, being translated into several languages, including Latin. From the 105 latin manuscript testimonies of this work, we selected the document referring to the cod. plut.89 sup.96 of the Biblioteca-MediceaLaurenziana in Florence, dating from the 13th century. The edition of the manuscript, accompanied by a glossary, is part of the ongoing doctoral research at POSLIN of the Faculty of Letters at UFMG. The realization of this work is based on the precepts of textual criticism, Latin paleography, codicology, Latin language, lexicology and other works published on the work of Isaac. In this way, we intend, with this work, above all, to contribute to the studies of Textual Criticism, by expanding the knowledge linked to the norms of transcription and edition of medieval manuscripts.

Keywords:

History. Textual Criticism. Isaac of Nineveh.

1. Introdução

A investigação linguística no âmbito da Crítica Textual caracteriza-se, sobretudo, pela transdisciplinaridade. Para a restituição de um texto, faz-se necessária uma ampla gama de conhecimento. Além do domínio das normas de edição, o pesquisador deverá conhecer a língua em que o documento foi escrito e o período histórico em que aquela está inserida. Para compreender o conteúdo do texto e posicioná-lo em uma abordagem histórica, o pesquisador precisa, também, reunir informações acerca da cultura e da civilização em que o texto foi produzido.

Nesse sentido, ao restituir um texto antigo acompanhado de glossário, o crítico textual contribui para o desenvolvimento das mais diversas áreas do conhecimento. No caso da tradução latina da obra *Isaac Syri Sermones*, a pesquisa contribui, especialmente, para o avanço do conhecimento nas seguintes áreas, como sugerido por Cambraia (2000, p. 15-18):

– Crítica Textual: a edição de um códice medieval possibilita a avaliação das técnicas então utilizadas, além de ampliar o conhecimento ligado às normas de transcrição e edição de manuscritos medievais.

– Linguística Histórica: a edição de um texto inédito pode expor elementos de grande importância nos campos da fonologia, morfologia, sintaxe e do léxico que, comparados a textos de outros períodos, poderão ampliar o conhecimento relacionado aos estudos diacrônicos do latim.

– Tradução e da Linguística Comparada: a edição pode colaborar para um estudo comparativo entre as traduções da obra do latim para as línguas românicas, permitindo avaliar as convenções do processo tradutório na Idade Média românica.

– Lexicografia: a proposta do glossário exaustivo traz especial contribuição, pois apresenta uma sistematização dos vocábulos latinos, importante fonte de dados a elaboração de dicionários etimológicos.

Ademais, a edição do texto da tradução latina do *Livro de Isaac* integra os trabalhos realizados por Cambraia (2000, 2017), Melo (2010) e Vilaça (2012), com as edições das traduções portuguesa, francesa e italiana, respectivamente. Assim, o presente trabalho permite o aprofundamento de trabalhos baseados no confronto de edições da mesma obra em línguas diferentes.

2. *A vida de Isaac de Nínive*

As informações a respeito da vida de Isaac são escassas, não há registros sobre sua família, o ano em que nasceu e nem o ano em que veio a falecer. O pouco que se sabe provém de duas fontes: a) um trecho da obra *Livro da Castidade*, escrita, no séc. IX, por um autor da Síria Oriental chamado Isho'denah de Basra, e editada por Chabot (1896); b) um documento preservado na Síria Ocidental, cujo autor e data são desconhecidos, editado por Rahmani (1904).

As informações contidas nessas duas fontes, somadas aos trabalhos de Melo (2010), Vilaça (2012), Cambraia (2000; 20017) e Laranjeira (2018), permitem-nos traçar alguns dos acontecimentos mais relevantes da vida do monge sírio. Logo, assinala-se que Isaac nasceu no século VII em Beit Qatraye, atual Qatar que faz parte, hoje, dos Emirados Árabes Unidos, na costa ocidental do Golfo Pérsico. Ainda muito jovem, entrou para um monastério e, devido ao conhecimento das escrituras, foi em pouco tempo considerado um mestre.

Por volta de 648, uma ruptura separa os bispos do Qatar e da Pérsia oriental dos católicos de Selêucia-Ctesifonte, chefe da igreja da Pérsia. É provavelmente nesse período que Isaac decide viver entre os solitários em Bet Huzaye. Quando, em 576, a ruptura é dissolvida, Isaac, em reconhecimento por sua vida ascética rigorosa, é ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de Bet' Abe, atual Mossul, Iraque. Todavia, após se passarem apenas cinco meses, Isaac renuncia ao cargo para viver como anacoreta na Montanha de Matut, no sudoeste do atual Irã.

A razão de sua renúncia não é clara, mas é possível que, sendo um homem dedicado à vida ascética, os deveres episcopais, que exigem uma considerável atenção a assuntos mundanos tenham se tornado difíceis para ele. Mas seja qual for a razão, o fato é que Isaac se retirou de Nínive e a partir de então intensificou seus esforços ascéticos.

Posteriormente mudou-se para o Mosteiro de RabbanShabur, também no atual Irã, onde aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras e escreveu (ou ditou) seus textos. Possivelmente devido à intensa leitura, tornou-se cego. Morreu em idade avançada e foi sepultado no próprio Mosteiro de Rabban Shabur.

Com base em dados constantes dos textos de Isaac, Miller (1984, p. LXIII-LXIV) sugere que Isaac teria composto suas obras por volta de

688. Para Brock (1986, p. 8), Isaac de Nínive teria falecido em torno do ano 700.

3. *Obras*

Até o momento não há consenso sobre quantas e quais seriam as obras de Isaac de Nínive. As fontes mais antigas apontam ora para sete livros, ora para cinco. Segundo Alfeyev (2001) não é possível saber se se trata de uma classificação diferente ou se existem ainda textos desconhecidos. O autor aponta que, atualmente, podem-se dividir os escritos de Isaac de Nínive em dois grupos, um largamente conhecido e traduzido em diversas línguas, e outro recém descoberto (MELO, 2010, p. 12).

O primeiro grupo compreende 82 capítulos, que foram transmitidos em dois diferentes ramos: um oriental e um ocidental. O ramo oriental foi editado pela primeira vez por Paul Bedjan e representa, segundo Alfeyev (2001). Do ramo ocidental, encontram-se vários manuscritos, dos quais o mais antigo remonta ao séc. IX ou X.

O segundo grupo das obras de Isaac é composto pela segunda parte com 41 capítulos de diferentes extensões e pela terceira parte composta por 17 capítulos. Retirando alguns discursos que se repetem, temos o conjunto de 137 capítulos distintos. Para Alfeyev (2001), o ramo oriental reflete melhor o texto original de Isaac, enquanto que o ocidental representa uma releitura siríaco-ortodoxa.

4. *Doutrina*

Segundo Cambraia (2017, p. XVIII), sintetizar as ideias principais presentes na obra de Isaac de Nínive é uma tarefa árdua, pois o autor compôs uma obra complexa quanto ao conteúdo e à forma, alternando seções com afirmações curtas e diretas e seções com exposição longa e progressiva. Wensinck (1969, p. XVI) considera que o estilo de Isaac, cheio de períodos excessivamente longos e de anacolutos, decorreria do fato de o autor já estar cego e não ser capaz de revisar diretamente sua obra, dependendo de escribas.

De acordo com Cambraia (2017), a doutrina ascética de Isaac orienta o monge em seu caminho em direção a Deus, a chamada conversão do monge. Mas esse caminho é longo e árduo, pois há diversas etapas a serem cumpridas e vários obstáculos a serem enfrentados. A conversão

do monge consiste em um processo composto essencialmente de três etapas: conversão corporal, da alma, e espiritual. Na conversão corporal, o monge deve purificar seu corpo através da realização de obras ou trabalhos corporais. Três obras se destacam, “O jejum”, “A vigília” e “A oração”. Na conversão da alma, a batalha que era externa (do corpo) passa a ser interna (do coração e da alma). Representa uma fase de autoconhecimento e purificação da alma, em que o silêncio e as lágrimas possuem um importante papel. Na fase de conversão espiritual, o monge passa a vislumbrar aspectos do mundo divino e contemplar a verdade de Deus. No entanto, esta etapa não significa que tenha chegado ao fim de sua conversão, pois a conversão total é alcançada apenas na vida eterna junto a Deus (LARANJEIRA, 2018, p. 12).

5. *A tradição do Livro d’Isaac: do siríaco ao latim*

A obra de Isaac de Nínive foi traduzida para várias línguas e alcançou diversas culturas ao longo dos séculos, portanto, existem muitas diferenças na organização e tamanho do texto entre as diferentes tradições. Há testemunhos em que períodos ou capítulos inteiros foram suprimidos ou acrescentados, e também divididos das mais variadas formas. Uma das particularidades da transmissão da obra de Isaac foi a frequente redivisão dos capítulos, inclinada mais para a subdivisão dos mesmos do que para a reunião em unidades maiores.

Segundo Miller (1984, p. LXXVII), a transmissão dos textos em siríaco pode ser dividida entre a família oriental e a ocidental. As diferenças entre elas são: (a) A oriental possui diversas passagens e oito capítulos que faltam à ocidental; (b) A ocidental possui algumas poucas passagens ausentes na oriental; (c) A oriental possui passagens atribuídas a Teodoro da Mopsuéstia, Diodoro de Tarso e Evágrio, enquanto na ocidental essas passagens são atribuídas a outros autores ortodoxa.

Supõe-se que a Primeira Parte da obra de Isaac, composta de 82 capítulos e proveniente da família siríaca ocidental, tenha sido traduzida para o grego entre fins do séc. VIII e princípios do séc. IX pelos monges Patrikios e Abramios, na Palestina. O texto traduzido para o latim tem sua origem no texto grego, e Chialà (2002, p. 354-357) assinala que houve três propostas para a data de tradução: (a) Fabricius (1790-1809, t. IX, p. 116) considerou que a data lida por Grynaeus – 1407 – se referiria ao tradutor do texto de Isaac para o latim; (b) Munitz (1974, p.178) supôs ter sido na época da ocupação latina de Constantinopla, entre 1204-61; e

(c) Gribomont (1960, p. 352) propôs como tradutor Pietro de Fossombone, também conhecido como Angelo Clareno (1255/60-1337), pelo fato de a tradução latina de Isaac aparecer repetidamente junto à tradução da obra de João Clímaco, seguramente atribuída a Clareno. Considerando que a maioria dos manuscritos traduzidos para o latim data dos séculos XIII a XV, que o manuscrito mais antigo seria do séc. XIII (cód. plut. LXXXXIX/96, Bibl. Medicea Laurenziana de Florença) e que a citação mais antiga em latim do texto de Isaac está no *Tractatus*, de John Pecham (concluído em 1270), Chialà (2002, p. 356) propõe o século XIII como o período em que o texto de Isaac foi traduzido para o latim.

6. *Crítica textual*

De acordo com Spaggiari e Perugi (2004, p. 18), até meados do século XV, a cópia manual foi o meio que os homens encontraram para transmitir às futuras gerações o patrimônio cultural das civilizações. Assim, até o referido período, boa parte da cultura europeia foi transmitida exclusivamente pelos manuscritos. Ao longo do tempo mudam os materiais de suporte, começa-se com a pedra gravada, passando pelas tábuas de madeira ou de barro, em seguida os pergaminhos até chegar ao papel (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 15).

Assim, antes do surgimento da imprensa, para que um texto fosse amplamente divulgado, necessariamente teria de ser copiado muitas vezes. Nesse processo, a cada cópia o texto estava sujeito a riscos de ser alterado, no que diz respeito à sua versão original, segundo apontam Spaggiari e Perugi (2004, p. 19).

Assim, em decorrência desse motivo incontestável, foi criada a crítica textual, cujo principal objetivo, “é a restituição da forma genuína dos textos” (CAMBRAIA, 2005a, p. 1). Tal atividade surge pela necessidade que um povo tem em preservar ou resgatar documentos que fazem parte da sua história e relegá-los às futuras gerações.

Ao pesquisarmos sobre crítica textual, nos deparamos com dois outros termos, a ecdótica e a filologia. Conforme explica Cambraia (2005a, p. 13), não há um consenso quanto à suas respectivas designações, ora aparecem como sinônimos, ora como denominações de funções distintas.

A crítica textual costuma ser entendida quanto à sua função: restituir à forma original do texto. Segundo Spina (1994, p. 82), a ecdótica

compreenderia tanto a operação da crítica textual, quanto a organização material e formal do texto com vistas à publicação. A filologia apresenta caráter polissêmico, em última análise podemos compreendê-la, conforme assinala Cambraia (2005a, p. 18), como o estudo global de um texto explorando os seus diversos aspectos, tanto linguístico, como literário, crítico-textual, sócio-histórico, entre outros.

Para compreendermos melhor os passos dessa proposta de pesquisa, torna-se fundamental destacar duas disciplinas, com as quais a crítica textual se relaciona intimamente: a codicologia e a paleografia, e em seguida pontuar os principais tipos de edições.

De acordo com Spaggiari e Perugi (2004, p. 115-16), a codicologia é a disciplina que estuda os manuscritos, ou códices, no seu aspecto material, o suporte empregado, as dimensões do objeto, a sua formação, o seu conteúdo, quem transcreveu, a sua datação, etc. Cada um desses elementos é analisado com a finalidade de reunir o maior número de informações sobre o manuscrito que transmitiu a obra interessada.

Já a paleografia, “tem como fim o estudo dos caracteres gráficos antigos” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 17). A paleografia cataloga as formas de escrita conforme o período e o lugar de procedência. Existem várias denominações, cujas características da forma correspondem a épocas históricas e regiões geograficamente diferentes.

7. Tipos de edição

Quanto aos meios de tornar um texto acessível ao público, o crítico textual deve considerar as diversas possibilidades de edições e optar por aquela que mais se adequa aos objetivos do seu trabalho. Deve-se atentar, sobretudo, para o público ao qual se dirigirá a edição e a existência de edições anteriores, para que sejam evitadas edições redundantes, como destaca Melo (2010, p. 59).

Os tipos de edição baseados na forma de estabelecimento do texto, de acordo com Cambraia (2005a, p. 91), podem ser distribuídos em edições *monotestemunhais* e *politestemunhais*. O primeiro baseia-se em apenas um testemunho de um texto, enquanto o segundo é realizado com o confronto de dois ou mais testemunhos de um mesmo autor. As edições *monotestemunhais* estão divididas em quatro tipos, a saber: *fac-similar*, *diplomática*, *paleográfica* e *interpretativa*.

A edição *fac-similar* caracteriza-se pelo grau zero de mediação do crítico textual. A reprodução ocorre por meios eletrônicos da imagem do texto. Esse tipo de edição possibilita que o documento seja conhecido, em sua forma original, por um público maior de interessados. Contudo, a compreensão do texto antigo exigirá do leitor uma competência paleográfica e/ou linguística para ser decifrado.

Em seguida temos a edição diplomática, a qual denota um grau baixo de mediação. Conforme explica Melo (2010, p. 60), nela ocorre a transcrição do manuscrito em caracteres modernos e mais legíveis, tornando o texto mais acessível ao leitor sem habilidades paleográficas. No entanto, um conhecimento histórico da língua seria necessário, pois o leitor precisaria desenvolver as abreviaturas existentes.

A edição paleográfica ou semidiplomática, escolhida para o desenvolvimento da proposta deste trabalho, expressa um grau médio de mediação. Essa edição difere da anterior ao permitir a leitura do texto por um público mais amplo, uma vez que, nesse caso, uma capacidade de desenvolver abreviaturas não seria necessária.

Dentre todas as edições, a interpretativa é a que proporciona maior facilidade de leitura ao público leigo. Ocorre aqui o grau máximo de intervenção admissível. Embora ela manifeste um alto grau de acessibilidade, sua subjetividade pode distanciá-la consideravelmente do texto original. Essa edição é a mais apropriada para tornar o texto acessível ao público geral.

8. Considerações finais

A crítica textual além de contribuir significativamente com o trabalho de pesquisadores, especialmente no campo dos estudos diacrônicos da língua, tem fundamental importância na recuperação do patrimônio cultural escrito de uma determinada cultura. Nessa direção, constatou-se na obra de Isaac de Nínive um material de notável valor histórico, deveras significativo aos estudos da crítica textual.

Dos estudos produzidos no Brasil sobre a obra de Isaac de Nínive, destaca-se a tese de Cambraia (2000), *Livro de Isaac: edição e glossário (cód. ALC 461)*, no qual constam a edição semidiplomática e interpretativa acompanhada de glossário da versão medieval em língua portuguesa do referido manuscrito e de uma versão portuguesa medieval reduzida do Livro de Isaac. Em Melo (2010), com a tese *Livre d'Isaac Abbé de Syrie*

(cód. lat. 14891 da BNF): edição e glossário, consta a edição semiplomática, acompanhada de glossário da tradução francesa da obra *Livre d'Isaac*. A versão italiana da tradução da obra recebe tratamento na tese de Vilaça (2012), *Libro dell'Abate Isaac di Siria: edição crítica e glossário*.

Tais trabalhos representam contribuições significativas, especialmente ao mapeamento da tradição latino-românica da obra em questão. Nesse aspecto, surge a necessidade em acrescentar a este material a edição da tradução latina, cujo manuscrito escolhido representa o mais antigo da tradição latina e corresponde à matriz da tradição italiana. Assim, favorecem-se trabalhos em parceria com demais pesquisadores, complementando e aprofundando os resultados obtidos com tais estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFEYEV, H. *L'univers spirituel d'Isaac de le Syrien*. Bégrolles-en-Mauges: Abbaye de Bellefontaine, 2001.

BROCK, S. St. Isaac of Nineveh. *The Assyrian*, London, v. 3, n. 6, p. 8-9, 1986.

CAMBRAIA, C. N. *Livro de Isaac*: edição e glossário (cód. ALC. 461). 2000. 753 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. Contributo ao estudo da tradição latina do “Livro de Isaac”: o cód. ALC 387 da Biblioteca Nacional de Lisboa. *Scripta Philologica*, Feira de Santana, v. 1, p. 1-10, 2005b.

_____. *Livro de Isaac*: edição crítica da tradução medieval portuguesa da obra Isaac de Nínive. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

CHABOT, J. B. Le livre de la Chasteté, composé par Jésusdenah, Évêque de Basrah. *Mélanges d'Archeologie et d'Histoire de l'École française de Rome, Roma*, n. 16, p. 63-64, 1896.

CHIALÀ, S. *Dall'ascesiere mitica alla misericordia infinita: ricerche su Isaaco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2002.

FABRICIUS, J. A. *Bibliotheca graeca*. Hamburg: Carolum Ernestum Bohn, 1790-809.

GRIBOMONT, J. La scala paradisi: Jean de Raithou et Ange Clareno. *Studia Monastica*, Barcelona, n. 2, p. 345-358, 1960.

LARANJEIRA, M. B. *De contemptu mundi et de contemplationis perfectione (cod.331 da Biblioteca Città de Arezzo)*: edição e confronto com a edição da *Patrologia Graeca* (1865). 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MELO, T. C. A. de. «*Livre d'Isaac Abbé de Syrie*» (cód. lat. 14891 da BNF): edição e glossário. 2010. 371 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MILLER, D. *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Boston (Mass.): The Holy Transfiguration Monastery, 1984.

MUNITZ, J. A greek Anima Christi prayer. *Eastern Churches Review*, Oxford, n. 6, p. 170-80, 1974.

RAHMANI, I. E. *Studia Syriaca*, Beirute, Charfet Seminary, v. I, p. 32-33, 1904.

SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

VILAÇA, C. E. de. L. *Libro dell'Abate Isaac di Siria*: edição crítica e glossário. 2012. 371 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

WENSINCK, A. J. *Mystic treatises by Isaac of Nineveh*. Reimpr. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1923. [Reimpr.: Wiesbaden: Martin Sändig HG, 1969].